



A máquina de guerra do erotismo possível em *Meu Michel*, de Amós Oz

The War Machine of possible Eroticism in *My Michel* by Amos Oz

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiás, Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: “Mas o desejo nunca é separável de agenciamentos complexos”, é uma máxima que nos ensinam Gilles Deleuze e Félix Guattari. Por essa perspectiva trataremos o erotismo como afecção amorosa ampliada, em *Meu querido Michel*, de Amós Oz. Essa ampliação sistêmica nos trará meios para pensarmos sobre os delicados e possíveis equilíbrios das relações amorosas em tempos de guerra. Equilíbrio este disposto em uma *Scala amoris* criticamente desmontada por uma narrativa que age como uma máquina de guerra questionadora de deveres e desejos estabelecidos. O percurso objetiva realizar uma reflexão sobre o mal-estar e o bem-estar individual e coletivo pertinentes à criação e manutenção dos amores possíveis em uma multifacetada sociedade conflagrada.

Palavras-Chaves: Amós Oz. Erotismo. Máquina de guerra.

Abstract: “But desire is never separable from complex arrangements”, is a maxim taught to us by Gilles Deleuze and Félix Guattari. From this perspective, we will address eroticism, as an expanded loving affection, in Amos Oz's *My Dear Michael*. This systemic expansion will provide us with the means to reflect on the delicate and possible balances of romantic relationships in times of war. This balance is arranged in a *Scala amoris*, critically dismantled by a narrative that acts as a war machine questioning established duties and desires. This journey aims to reflect on the individual and collective well-being and discomfort pertinent to the creation and maintenance of possible loves in a multifaceted, conflicted society.

Keywords: Amós Oz. Eroticism. War Machine.

*Relação é reciprocidade. Meu tu atua sobre mim
assim como eu atuo sobre ele.*

(Martin Buber)

*É pena talvez que Jerusalém seja tão pequena que
não dê nem para a gente se perder nela.*

(Amos Oz)

* Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).



Ser quieta e sensata: como é chato.

(Amos Oz)

Para George Bataille (2004) o desejo erótico ocasiona a dissolução dos seres envolvidos no processo do erotismo, sendo que desta continuidade egóica se vai para a descontinuidade erótica, com certa finalidade, entre outras, da dissolução que procura a criação, preservação, e continuidade da espécie; ou a concretização de alguma outra situação que tenha funcionalidade semelhante a essa perpetuação. Haveria, pois, condições para que uma junção de diferenças ocorra, e se produzam novos universos existenciais que carregam aspectos de tradicionalidades prévias, e de inovações que hão de vir. Para este teórico clássico do erotismo:

No movimento de dissolução dos seres, toda a concretização erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo.¹

A base do erotismo seria, pois, a quebra da importância de determinadas unidades pela disposição do encontro fecundo capaz de construir novas vidas e realidades. A parceria no jogo erótico se esvai de si mesma no encontro da outra parceria, no que a recíproca do esvaziamento das duas, ou mais, parcerias é regra básica. Duas, ou mais, descontinuidades existenciais se encontram para a produção de certa continuidade; sendo que tal continuidade produzida também possuirá o elemento ontológico da descontinuidade em fase própria de sua existência.

No contexto das pluralidades de ocorrência das condições eróticas, e de modalidade estendida para além do casal envolvido, acompanharemos o romance *Meu Michel, de Amós Oz*, publicado em 1968, que teve grande repercussão na sociedade israelense da época, por representar, com densidade, controvérsias políticas, e forte caráter alegórico², a vida íntima de um jovem casal, Hana e Michel Gonen,³ nos tempos de consolidação de Israel no pós-1948. A narrativa romanesca abrange a década de 1950, sendo conduzida pela narradora-protagonista que é Hana Gonen; o que ocorre em

¹ Bataille, 2004, p. 14.

² Por caráter alegórico, seguimos Walter Benjamin quando ele trata de peculiaridades de representação polissêmica do drama barroco alemão, entre outros estudos. Para o autor: “Esta ‘outra coisa’ não se trata de algo definido, determinado ou único, mas sim uma das inúmeras possibilidades dentro do universo de coisas e ruínas à disposição dos homens modernos.” (1984, p. 54).

³ Grant (2025), entre outros, considera que o relato de Hana Gonen possui biografemas pertinentes à vida da mãe de Amós Oz, que teve uma relação amorosa conturbada com o marido, vindo a se suicidar quando o escritor era adolescente. Após a tragédia, Oz, compreendendo os valores políticos conservadores do pai, abandona Jerusalém e se refugia por grande parte de sua vida no *kibutz* de Hulda.



retrospecção, pois a diegese contada já ocorreu em sua totalidade. Vejamos parte de seu início:

Jerusalém, janeiro de 1960. Escrevo porque as pessoas que amei já morreram. Escrevo porque quando era menina havia em mim muita força para amar, e agora esta força está morrendo. Eu não quero morrer. Sou uma mulher casada, de trinta anos. Meu marido é o dr. Michel Gonen, geólogo, um homem tranquilo.⁴

De imediato, nos surpreendemos com a afirmação de que suas pessoas amadas já morreram, pois Hana, que é uma mulher de trinta anos, ainda está casada, e mais à frente saberemos que possui dois filhos. Além do fato de que também sabemos que, apesar de sua desilusão com seus projetos de vida não concretizados e o *quantum* de sofrimento que isso lhe acarreta, sua força de amar, um dos derivativos do campo erótico, se prolonga na capacidade de nos contar como se perfaz essa década de casamento com o supostamente tranquilo geólogo Michel Gonen.

Seu pragmático desejo de não morrer nos fornecerá variados elementos para compreendermos o campo do erotismo que lhe foi possível, bem como para termos também elementos para certa compreensão de sua condição existencial entre as luzes e as trevas, de acordo com sua repetida consideração:

Devo confessar que gosto das trevas, porque nelas há mais vida e calor do que na luz. Principalmente no verão. A luz branca maltrata Jerusalém. Tripudia sobre a cidade. Mas em meu coração não há nenhuma guerra entre luz e trevas. Fiquei lembrando de como tinha escorregado de manhã, na escadaria da faculdade, no Terra Sancta. Foi um momento bem humilhante. Um dos motivos que me fazem gostar de dormir é que detesto ter de tomar decisões.⁵

Pela dialética das luzes e das trevas, veremos que seu gosto de dormir, em um primeiro momento, nos faz pensar em um descanso psicofisiológico normal e necessário para qualquer pessoa. No entanto, saberemos que essa necessidade do sono/sonho funcionará como um dos escapes possíveis que essa protagonista terá em relação à uma realidade sociocultural que, em tempos de guerra, não lhe permite a satisfação dos variados planejamentos amorosos de vida, bem como com seus derivativos perspectivados pelo princípio do prazer, na medida em que se respeitem princípios e instituições civilizatórias humanizados e humanizadores.

⁴ Oz, 2022, p. 4.

⁵ Oz, 2002, p. 11.



Para nossa análise, seguiremos camadas interpretativas que objetivam a compreensão, mesmo que provisória, dos mecanismos de equilíbrios possíveis nas relações amorosas/eróticas entre a protagonista com seu marido, e, também, com a sociedade na qual está inserida como sujeito ativo. Também acompanharemos o modo pelo qual a narrativa parece expressar o que seria a *Scala amoris*, pensada por Platão em seu basilar texto sobre o erotismo, que é *O banquete* (2021); bem como pensaremos na subversão dessa *Scala*, quando o comportamento da protagonista demonstra agir como se fosse uma máquina de guerra quanto aos seus deveres e direitos dispostos nas relações amorosas, e, sobretudo, no contexto sociocultural conflagrado de sua época.

Por fim, abordaremos a narrativa que funciona como uma alegoria de micropoderes de certo mal-estar erótico ampliado, quando também pensamos a relação amorosa enquadrada e transversalizada pelas questões da consolidação do estado israelense após sua recente fundação.

O equilíbrio possível das relações eróticas

O sentido que de imediato temos do título do romance é o de uma afecção positiva que a narradora-protagonista possui por seu marido Michel Gonen. Duas pessoas se encontram casualmente, simpatizando-se de imediato, e, para além da simpatia, vão para a dimensão do amor, que une duas descontinuidades existenciais para que possam juntos trilhar caminhos, perpetuando a pujança da vida em suas variadas facetas. De fato, é o que aparentemente Hana, de modo analéptico, nos contará. Seu relato memorialístico tenderá a mirar, mesmo que de modo insatisfatório, o erotismo pleno e luminoso⁶ que gera e cuida da vida, como acompanhamos em:

Eu o amava. Nós nos conhecemos no prédio do convento Terra Sancta, há dez anos. Eu estava matriculada como ouvinte na Universidade Hebraica, quando as aulas ainda eram dadas no Terra Sancta. Nosso encontro foi assim: Num dia de inverno, às nove da manhã, eu escorreguei na escada. Um jovem desconhecido me segurou pelo cotovelo. Sua mão era firme e forte. Vi dedos curtos, com unhas aparadas. Dedos pálidos, em cujas falanges crescia uma penugem morena. Rápido, ele impediu que eu caísse. Fiquei apoiada em seu braço até passar a dor. Estava confusa pelo vexame de ter escorregado na presença de estranhos: olhos que perscrutam e sorrisos ambíguos. E

⁶ O erotismo pleno e luminoso, que abarca as dimensões dos corpos, do amor, e do sagrado, também nos é ensinado por Bataille (2004), assegurando-nos que: “Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua.” (2004, p. 14).



também estava constrangida porque a mão do jovem desconhecido era ampla e cálida ao me amparar. Senti o seu calor através da manga do vestido de lã azul que minha mãe havia tricotado para mim. Era inverno em Jerusalém.⁷

O primeiro encontro entre Hana e Michel ocorre em Jerusalém, no inverno, na porta de uma igreja, e em pleno descontrole físico da protagonista. Ambos são jovens estudantes. Ele, de Geologia; ela, de Literatura Hebraica. Uma área de conhecimentos mais exatos, e a outra área de conhecimentos mais socioculturais; sem que tenhamos de radicalmente separar os campos do conhecimento humano em saberes mais objetivos, e saberes mais subjetivos.

Um homem encontra uma mulher. Dois judeus, não tão praticantes e diaspóricos, encontram-se casual e pragmaticamente na necessidade de ser amparado pelo outro. O amparo da mão cálida do jovem estudante faz desabrochar a atenção amorosa de Hana. As famílias de ambos, como grande parte da população do novo estado, são recém-chegadas ao novo estado de Israel. E os eflúvios do amor os envolvem nesse encontro que a racionalidade factual ainda não é capaz de sobrepesar.

O fato de alguém nos impedir alguma queda, seja ela de que natureza e intensidade for, parece ser um presságio da construção de uma relação interpessoal positiva, pois o ímpeto inicial, talvez produzido por sensação intuitiva, tenderá a se repetir, caso os envolvidos sigam juntos. Hana se apoia no braço de Michel até a dor passar. E desse encontro vemos que a juvenzinha começará a namorar o rapaz muito educado, e rapidamente começarão namoro, e mais rapidamente ainda se casarão, apesar de terem pouco conhecimento prático da vida um do outro. Mesmo assim, o sentimento erótico/amoroso aparentemente se instala em sua dimensão de necessidade e de generosidade recíproca. Escolhas são feitas ao arrepio de racionalidade cautelosa, que aconselharia um tempo maior de observação, compreensão e análises sobre ganhos e perdas amorosas, pessoais e sociais.

Além de sua tranquilidade usual, Michel é um rapaz que pretende desenvolver sua carreira como professor e reconhecido pesquisador de sua área de estudos. Veremos que ele concluirá sua graduação, seu mestrado, e seu doutorado em Geologia. Seus estudos visam ações concretas no campo de conhecimentos, invenções e melhorias nas questões físicas dos territórios no novo estado de Israel. Geologia, hidrografia, composição química de solos, usos de minerais, possíveis planos de assentamentos, e produção agropecuária são dos temas que formam o escopo prático de seus estudos. Hana estuda Literatura e cultura israelenses, possuindo grande habilidade de leitora

⁷ Oz, 2002, p. 4.



crítica de autores israelenses e daquelas de outros autores da Europa oriental, de onde sua família é oriunda, via diáspora.

Hana, no entanto, não seguirá seus estudos, pois, querendo ou não, sua vida, até certo ponto, se reduzirá ao lugar da esposa convencional do marido que consolidará sua carreira como fora planejada. O máximo que fará como profissional será auxiliar em aulas de jardim de infância, tarefa que alia aos cuidados de sua casa, de seu marido, e de seu filho. Sua vida, no entanto, terá uma dimensão quase extraordinária, quando, por inúmeras vezes, lembra-se das tantas leituras ficcionais e não ficcionais que tivera em sua formação. Sua família, como é hábito na cultura familiar israelense, cultivava com esmero a educação formal em vários idiomas e conhecimentos.

No decorrer da narrativa, é usual termos a expectativa de que essa protagonista se insurgirá em relação a esse lugar de mãe de família, no qual se vê inserida, investindo contra seu querido Michel. Porém, essa conduta não ocorre de modo imediato e direto em seu relato.

Ao contrário disso, em vários momentos a seguimos se esforçando por consolidar o amor pelo marido, ao lhe mapear aspectos da personalidade cordial, pois o marido cotidianamente lhe é gentil. Na medida de suas condições financeiras, ele fornece a habitação, alimentação, cuidados pessoais, passeios, pequenos presentes, atenção contínua; ou seja, elementos que configuram o básico equilíbrio de uma conservadora relação patriarcal. A protagonista, em alguns contextos como o de um passeio do casal, esforça-se por positivar os comportamentos do marido, como acompanhamos em:

“Michel Gonen, você é um cavalheiro gentil e eu lhe agradeço pela noite. Por toda a noite. Se um dia você me convidar para mais uma noite destas, não acredito que eu seja capaz de recusar.” Ele se inclinou para mim. Tomou com muita força minha mão esquerda com sua direita. Depois a beijou. [...] Através da luva que havia me emprestado quando saímos do café, uma onda forte e cálida penetrou minha pele.⁸

Há, então, aparente gratidão da esposa para o comportamento convencional e cortês de Michel. E tais situações amorosas são repetidas, criando-nos a ideia de que o casal vive em harmonia, e que o primeiro encontro de fato fora capaz de construir uma relação amorosa positiva, na qual o casal caminha juntos para atingir objetivos maiores que a singularidade de cada membro da relação poderia desejar e exigir. Por vezes somos instigados a pensar no sucesso do amor recíproco, quando também acompanhamos nesse relato de mais afecções positivas:

⁸ Oz, 2002, p. 10.



[Michel] uniu sua face molhada ao meu rosto e colou seus lábios quentes em meu pescoço, como se o sorvesse. E tremia. Seu rosto estava molhado e frio. Dessa vez também não estava barbeado. Pude sentir em minha pele cada pelo de seu queixo. Como foi bom sentir o tecido de seu casaco. Como se do tecido fluísse um calor tranquilo. Ele desabotoou o casaco. Puxou-me para dentro. Estávamos juntos. Aspirei o seu cheiro. E naquele momento senti que ele existia de verdade. E eu. Eu não era um pensamento em seu coração, e ele não era o meu pavor. Éramos reais. Senti o seu temor difuso. E adorei. Você é meu, sussurrei. Não se afaste nunca mais, sussurrei. Meus lábios tocaram sua testa e seus dedos encontraram minha nuca. Seu toque em minha nuca foi cuidadoso e sutil. Ambos tremíamos.⁹

Do fragmento podemos fazer alusão ao mito das almas gêmeas. De modo mais pontual, lembramo-nos da discussão que Aristófanes tece sobre o erotismo em *O banquete*, de Platão (2021). Na explanação que o comediógrafo faz sobre Eros, temos a alegoria do andrógino, que tenta explicar a necessidade que envolve o ser humano na constante procura amorosa de outro ser humano. Todos os tipos de amores possíveis serão listados, no que se envolve gênero. E desde que os seres andróginos foram separados por Zeus, por possuírem plenitude em si mesmos, tais como nos três gêneros andróginos de homem-homem, mulher-mulher, homem-mulher, tal busca pela “alma-gêmea” seria inerente ao ser humano em sua necessidade de plenitude e de perpetuação da espécie. O ser humano se plenificaria nessa procura e nesse encontro de sua metade, que lhe fora tirada pelo medo que os deuses possuiriam de sua independência e autonomia. Onde existia uma identidade, haveria de ter duas parcialidades pessoais. E a incompletude colocaria os humanos sob as ordens e vontades divinas enciumadas e autoritárias.

A carência da concretude do desejo passa a ser um dos vetores que dinamizam, pois, a vida humana, que, incansável, busca sua parte tirada. Eros seria o capacitador desse encontro; enquanto Anteros, a impossibilidade desta integridade amorosa. Assim, o amor de uma pessoa pela outra nos seria implantado ontologicamente. Seríamos o que podemos ser pela capacidade de reestabelecer essa nossa natureza original; complementos de uma outra parte da qual, de modo usual e prático, não sabemos ou compreendemos por completo a história de vida. Completude e fragmentação, ausência e presença são, pois, aspectos que conformam e performam as relações eróticas em seus sucessos e insucessos amorosos.

⁹ Oz, 2002, p. 17.



Apesar das tentativas de Hana em nos contar seus amores possíveis e positivos com o marido, a dinâmica amorosa é colocada em franca dialética negativa, quando ela começa a nos contar sobre situações e comportamentos que negam o encontro das duas partes adequadas que foram separadas por forças maiores e impróprias aos seus desejos amorosos. Exemplo disso é que seu corpo começa a demonstrar determinadas precariedades psicofísicas, tais quais a afonia que começa a lhe importunar, bem como os seus recorrentes pesadelos e delírios diurnos. Sua capacidade amorosa parece estar adoecida por alguma razão. Vejamos um exemplo dessa dissonância, no que diz respeito à pacífica relação amorosa, na qual duas pessoas deveriam ter êxito em encontrar sua “alma gêmea”:

Minhas cordas vocais preocupam o dr. Urbach. Cheguei a passar várias horas afônica. O médico me recomendou um longo tratamento. Esse tratamento envolvia certos procedimentos que me incomodavam bastante. Ainda costumava acordar de madrugada, atenta a todos os sons e ao pesadelo que sempre voltava em variações infinitas, intermináveis: às vezes tratava-se de uma guerra, outras, de uma inundação ou ainda de grandes desastres ferroviários. Perdia-me e sempre era salva nos braços de homens robustos que me salvavam só para poder me enganar e se aproveitar de mim. Acordava meu marido. Engatinhava até ele, enfiava-me debaixo do seu cobertor. Agarrava-me com todas as forças ao seu corpo. Sorvia e sorvia aquela intumescência tão desejada do seu corpo. Nossas noites se tornaram selvagens como nunca. Surpreendia Michel com o meu corpo e com o seu próprio. Mostrava a ele recantos inusitados, sobre os quais havia lido em romances. Atalhos sinuosos insinuados em filmes. Tudo o que ouvira no maior segredo, quando menina, entre risadinhas, de colegas mais velhas. Tudo o que sabia e adivinhava dos sonhos mais loucos e atormentados dos homens. Tudo o que os meus próprios sonhos haviam me ensinado.¹⁰

Um erotismo natural é, portanto, alterado para certa disfunção psicofísica, bem como para um erotismo carnal atípico para o casal. Hana fica afônica ao ser obrigada a tratar de uma realidade pessoal e social indesejada. Os tempos de guerra a afetam de modo intenso, comprometendo sua produtividade pessoal, profissional e social. A relação sexual com seu marido, no exemplo, funciona como uma inútil válvula de escape que brutaliza os dois, explorando apenas a dimensão corpórea, e vulnerabilizando a dimensão erótica do coração e do sagrado. Aфонia, pesadelos, relação sexual

¹⁰ Oz, 2002, p. 115.



exageradamente atípica conformam um quadro que nos aponta a falta de sintonia amorosa entre os dois. O que nos indica certa argúcia utilizada pela narradora-protagonista em intensificar os mecanismos de compreensão do sujeito no campo dos cuidados de si mesma e dos outros¹¹ que estão em sua rede existencial amorosa, bem como na rede existencial maior, que abrange a sociedade estratificada e conflagrada na qual ela está inserida.

***Scala amoris* e a máquina de guerra dos deveres e desejos questionados**

Na alegoria platônica que trata de Eros, também exposta em *O banquete*, de Platão (2021), há a figura da *Scala amoris* que aponta para o amor como a capacidade humana de se transcender à realidade factual através do conhecimento adequado de si mesmo e dos universos transcendentais dos quais os seres seriam oriundos. Eros ocasionaria nos sujeitos um processo incessante para que se atinja a perfectibilidade tanto pessoal, quanto social, no sentido em que as decorrências desse processo de afecção e de formação construiriam as bases de uma sociedade bela, verdadeira e justa.

O amor seria, então, o mecanismo de passagem de um universo inferior para o superior. Como em uma escada, teríamos degraus que marcam e demarcam o avanço pelas fases evolutivas, tais quais: apaixona-se por um referencial imanente específico que seja capaz de gerar virtude inicial no amante; compreende-se as semelhanças que possuem a série de referenciais capazes de elevar o amante à ideia da beleza essencial; chega-se à ideia do bem mais alto e transcendental que tais referenciais amados são capazes de proporcionar. A beleza seria anímica e não mais corporal; compreende-se, quando a beleza imanente é apequenada, e que a beleza e o bem atingidos pelo pensamento adequado são as verdades ideais que norteiam as belas instituições, leis, atividades públicas; enfim, o tecido político e sociocultural de um povo se constituirá pela beleza e bem verdadeiros; no penúltimo degrau, tem-se que o conhecimento adequado permite a verdadeira contemplação da beleza e do bem verdadeiros; por fim, haveria a culminância do amor na plenitude do belo, do bem e da verdade em si, fase na qual Eros alçaria o ser para o “vasto mar da beleza”, distante da ilusão dos referenciais imanentes, que existiriam como sombras da realidade idealizada.

¹¹ Em relação às argúcias e necessidades dos cuidados que havemos de ter com nós mesmos, para termos condições de cumprirmos os cuidados para com os outros nos fundamentais aspectos relacionais, lembramo-nos de Michel Foucault que nos ensina: “Tu te preocupas muito com a ordem cósmica, mas não te preocupas nenhum pouco com a tua desordem interior. Logo, se quisermos cuidar de nós mesmos, não é a ordem cósmica, não são as coisas do mundo, não são a gramática, a matemática ou a música que é preciso estudar, mas as coisas imediatamente úteis para a vida, isto é, para o cuidado de si mesmo”. (Foucault, 2011, p. 209).



Utilizando aspectos dessa escada do amor em relação à nossa narrativa romanesca, observamos que a trajetória de sua relação amorosa, tem também o objetivo de nos esclarecer a pujante ironia já presente no próprio título do romance. Michel é querido mesmo ou teríamos apenas uma estratégia de condescendência moral para tentar se explicar as razões do comportamento do jovem esposo perante os valores e princípios ansiados e defendidos por sua esposa? Mesmo que ocorra tal atenuação da personalidade indesejada desse companheiro, vemos que várias aparelhagens sociopolíticas sobredeterminam esse casal para incapacitá-los à vida amorosa positiva. Uma dessas aparelhagens diz respeito à natureza de suas formações educacionais, como acompanhamos no excerto:

Como aluna de ciências humanas eu sempre achei que todos os fatos estão sempre prontos a ser interpretados das mais diversas maneiras, e quem os interpreta, dependendo de sua sagacidade e determinação, poderá sempre se apossar desses fatos como simples matéria-prima e impor a eles sua vontade.¹²

Hana recebera uma educação formal e informal muito influenciada por sua família, que valorizava variados gêneros de narrativas literárias, bem como de temáticas progressistas e críticas das ciências humanas e sociais. Inclusive seus professores de Literatura Hebraica frequentemente lhe incentivavam a entrar para o campo da escrita ficcional e da teoria e crítica literárias. Sua índole para a leitura de ficção de temática aventuresca e libertária sempre lhe foi constante, impulsionando inclusive suas reflexões e atitudes em sua vida pragmática. Seu pai possuía contatos diretos com escritores, críticos, ensaístas e ativistas de várias partes do mundo, o que, de certa forma, era habitual para parte da população do novo estado de Israel em seus contatos globalizados.

No excerto acima, vimos que a discussão trata da questão da interpretação de fatos da realidade, e seus desideratos. Hana firma sua posição de ecletismo e de relatividade em se validar variados juízos de valores quando se vive em comunidade naturalmente estratificada. Nesse ponto, há, então, notória contrariedade em relação a Michel que fora educado pela perspectiva positivista das ciências ditas como objetivas, sob epistemes conservadoras. Sua percepção sobre interpretação dos fatos a seres observados e julgados não lhe permite extensão racional a ponto de se validar sentidos e realidades maleáveis e transversalizadas por várias perspectivas do conhecimento.

Percebemos como os degraus da escada do amor, da qual falávamos, já ficam desconstruídos como que de início, pois o homem escolhido para ser o querido e exemplar companheiro não poderá funcionar como aquele sujeito envolvido pelo bem,

¹² Oz, 2002, p. 120.



pela verdade e pela beleza do ser inicial que haveria de ser a base do processo amoroso implementado por Eros.

O universo formacional de Hana lhe fala aos ouvidos em grande parte da narrativa. A mãe fora comedida e cautelosa quando soubera que sua filha se casaria. Irmão, demais parentes e amigos de infância aceitam o fato de modo protocolar, sem compreenderem bem a razão da rapidez do matrimônio com um rapaz estranho e bastante diferenciado, do ponto de vista dos valores sociopolíticos, ao círculo da família. Desse quadro, destaca-se o conselho de seu pai ao lhe falar sobre os homens que cruzarão o caminho da filha. Vejamos:

Poucos meses antes de morrer, meu pai me chamou ao seu quarto e trancou a porta. [...] Papai me contou de homens perversos que seduziam mulheres por meio de palavras melífluas e as abandonavam, aos suspiros. Eu devia ter uns treze anos. Tudo o que ele disse, eu já sabia há muito tempo, pelas meninas, às risadinhas, e pelos meninos de espinhas no rosto. Mas, vindas do meu pai, aquelas mesmas palavras não eram engraçadas, e sim marcadas por uma nota de silenciosa tristeza.¹³

Dessa forma, Hana, de antemão, saberia das cautelas que deveria ter com um rapaz que mal conhecia. Isso lhe é acentuado por uma vizinha que, ao saber de seu casamento, diz-lhe que uma relação amorosa não deveria ser oficializada rapidamente, sem que se saiba dos aspectos e linhas de forças que movem os campos existenciais dos envolvidos. No entanto, a jovem ainda estava sensibilizada pelo primeiro encontro que tiveram com Michel. Situação essa que lhe mostrou algo valioso para sua formação humanitária: o fato de que a solidariedade que se dá, principalmente a uma pessoa estranha, seria um atestado dos mais seguros do caráter humano. Neste ponto, mesmo havendo vários outros aspectos que comprometia a personalidade do rapaz, ao menos haveria o ponto positivo da solidariedade pela qual se ampara alguém que se desequilibrava em uma escada de uma grande igreja de Jerusalém.

No entanto, essa condição positiva inicial não atenua as contradições onipresentes entre os dois companheiros. Michel não entende, ou não aceita, o modo de vida assumido pela mulher após o casamento. Ele não entende certa indisposição dela para os trabalhos da casa, para os cuidados com o marido, para a necessidade de o casal criar e manter um círculo conservador de amizades; enfim, o rapaz não entende como a esposa é incapaz de se adequar a um lugar psicossocial de produtividade tradicional que lhe é esperado por seu pendor conservador. Michel é, desse modo, um agente social daquela performatividade profissional e existencial que o filósofo coreano

¹³ Oz, 2002, p. 22.



Byung-Chul Han denomina por sujeito do desempenho. Para esse pensador, temos que:

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho.¹⁴

Certa condição do comportamento usual do marido vai de encontro, então, à condição erótica desejada por Hana para integralização de sua relação amorosa. Para ela, esse excesso de desempenho aliena o ser humano, gerando a inoportuna situação de autoexploração que subjuga o sujeito, impedindo que se atinja a liberdade criativa gerada pela situação amorosa advinda do erotismo essencial e saudável.

Um dos aspectos dessa liberdade criativa seria a possibilidade de poder se sentir a realidade na qual se insere a partir da contemplação que nos traz uma compreensão e experimentação mais pontual e verdadeira dessa realidade que nos perfaz e que, como sujeitos ativos, também podemos transformar. Sobre essa habilidade contemplativa, que não se coaduna com o caráter apenas do desempenho acrítico e não erótico, o pensador Byung-Chul Han também nos ensina que:

A capacidade contemplativa não está necessariamente ligada ao ser imperecível. Justamente o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa. Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego.¹⁵

Na contemplação ativa haveria, pois, fôlego de experimentar a condição erótica na relação amorosa institucionalizada, e fôlego para se compreender de modo analítico e crítico as conjunções psicossociais que estruturam as possibilidades dos modos saudáveis dessas relações. No caso, a excessiva valorização positiva do desempenho profissional e ideológico conservador de nosso querido Michel funciona como elemento que impediria a ascensão formacional daquelas etapas da *Scala Amoris* da qual tratamos.

Para a narradora protagonista, a escada do amor é subvertida, pois a etapa do referencial portador da beleza factual não terá a capacidade de se transformar na

¹⁴ Han, 2015, p. 16-17.

¹⁵ Han, 2015, p. 20.



beleza transcendental que pertencerá ao conjunto amplo de todos os referenciais belos, que encaminham o sujeito do processo às verdades essenciais. No caso, Eros, como o princípio do amor construtivo e elo entre o universo fático e o ideal, tem seu poder comprometido no encontro possível entre duas almas que apenas teriam a aparência de vinculação essencial, mas não o *quantum* amoroso suficiente para a verdadeira união de suas descontinuidades criadoras e mantenedoras.

A voz narrativa, nesse contexto, porta-se, então, como uma máquina de guerra¹⁶ que tenta desmobilizar princípios e valores pessoais e socioculturais não desejados que insistem em moldar sua vida cotidiana. Teremos, então, um confronto mais direto feito pelo casal que mede os ganhos e perdas gerados pelo casamento um tanto impensado, pois rápido e sem a cautela necessária para tal evento, que deveria ser produzido por um erotismo também racional. Hana atua como uma máquina de guerra na desconstrução do tipo de masculinidade e de personalidade alienada que é representado pelo marido, típica personagem da formação profissional para um utilitarismo de conhecimentos e tecnologias capazes de levar os sujeitos, formados nessa sociedade de desempenho, a adoecimento psicofisiológicos, em relação aos quais as remediações são complexas.

Por várias vezes, na narrativa, acompanhamos Michel lutando por impor a ordem cultural tradicional em sua família, tentando reeducar pensamentos e ações de sua esposa. No entanto, Hana, no silêncio ou nas suas divagações fantasiosas, esforça-se, de modo tenaz, por fazer com que suas vontades também sejam respeitadas, mesmo que de modo enviesado. Parte dessas estratégias de mútua influência, temos nesse excerto, entre tantos outros:

Eu disse, sem esconder meu asco: “Michel, então para que você vive? Diga para mim, por favor.” Michel não se apressou a

¹⁶ O conceito de máquina de guerra aqui utilizado é o proposto pelos pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), quando eles tratam do poder político estatal construindo e mantendo, de modo autoritário, a produção desejosa de todos os sujeitos que estão inseridos em sua rede social. Nesse contexto, os autores denominam de máquina de guerra os agentes sociais críticos que são capazes de tornar inoperantes os vetores de formação autoritários aos quais estão submetidos. Quando a condição erótica advém de um centro autoritário, tem-se a necessidade de conformação prévia e fatalística da identidade, tal qual nos ensinam esses pensadores: “Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significativo e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo”. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 76).



responder. Meditou sobre a pergunta enquanto recolhia algumas migalhas da toalha e as juntava num montinho à sua frente. Afinal respondeu: “Essa pergunta não tem sentido. A maioria das pessoas não vive *para*. Vive. Ponto final. [...] “E, no entanto, Michel, banal é o contrário de verdadeiro e um dia eu vou enlouquecer igualzinho a Dova Glick e você vai ser o culpado, doutor Ganso Manso.” Michel disse: “Hana, tenha calma.”¹⁷

Michel, de modo usual, aconselha que a esposa tenha calma e se porte e comporte com serenidade no âmbito familiar, nas suas relações sociais, bem como nas suas crenças políticas. Ele lhe pede cautela em sua compulsão desejosa no matrimônio, pois compreende que sua própria ânsia de produtividade, ensinada pelas instituições conservadoras do estado israelense que se iniciava, demandava sacrifícios pessoais em prol do bem maior. No entanto, sua esposa lhe assegura, utilizando a estratégia da *parresia*,¹⁸ que várias mulheres à sua volta estão contraindo doenças psicofísicas severas quando são obrigadas a enfrentarem condições de guerra, chegando mesmo ao óbito.

A *parresia* utilizada por Hana em relação ao seu matrimônio alienado e alienante fica condensada quando ela se dá conta que o marido terminara sua formação de pesquisador em nível de mestrado e doutorado, e que sua carreira no magistério superior estava assegurada. E, sobretudo, quando ela percebe que o companheiro não se dá conta de uma dimensão existencial, a do campo sociopolítico maior, que exige posicionamentos difíceis e complexos da população envolvida na construção do novo estado de Israel.

Dos amores condescendentes, tal qual o título do romance nos indica, essa protagonista se encaminha para a desilusão crônica ao perceber que não consegue sensibilizar a perspectiva de envolvimento responsável e crítico do marido para o campo existencial que vai além da relação matrimonial e profissional; dimensões estas que são perspectivadas quase de modo exclusivo pelo querido Michel. Seu desabafo final é intenso, como seguimos:

Pode até imaginar, se quiser, que estou acenando para você. Não vou te corrigir. Não sou sua mãe. Somos dois, e não um. Você não pode continuar por anos e anos sendo meu filho inteligente. [...] Tente imaginar o seguinte: eu e você, irmão e irmã. São tantas

¹⁷ Oz, 2002, p. 116.

¹⁸ Utilizamos *parresia* no sentido que Foucault lhe confere: “Na *parrhesía*, o que está fundamentalmente em questão é a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. (2006, p. 450).



as alternativas possíveis. Mãe e filho. Colina e arbustos. Rocha e água. Lago e barco. Movimento e sombra. Pinheiro e vento.¹⁹

Nesse contes, haveria então a dimensão do erotismo saudável e a do erotismo adoecido como seguimos no discurso que o médico Erixímaco tece em *O banquete*, de Platão (2021). Uma relação amorosa incapaz de se aperceber das vidas de outras pessoas se torna impiedosa, ficando as ações de demonstrações do amor perturbadas em sua função de assegurar o bem-estar mais que pessoal, civilizacional.²⁰ O erotismo saudável desejado pela narradora-protagonista vai além, pois, daquela condição que seu marido pensara ser o necessário que poderia ser constituído penas pelo universo nuclear do casal.

3. Bem-estar e mal-estar do erotismo como afecção ampliada.

Das inúmeras vezes que Hana se lembra de seu querido e falecido pai Yossef, em sua vivência no *kibutz*²¹ Nof Harim, o que mais lhe vêm à cabeça são inúmeras alternativas vivenciais diferentes daquelas que são possíveis na Jerusalém conflagrada. Uma das mais importantes alternativas é a do convívio social coletivo, harmônico e cooperativo; método de vida diferente daquele presente no grande centro urbano e muito corroborado por seu sogro, Yehezkiel Gonen. De uma sociedade que valoriza a formação do indivíduo egoicizado pelo princípio do desempenho alienado, vai-se para aquela formação que valoriza a convicção de que o sujeito deverá ser produzido na dinâmica salutar do respeito à outridade, como, por exemplo, nos ensina o pensador progressista Martin Buber.²²

Sabemos que Buber (1987) auxiliou sobremaneira na formação do estado de Israel com suas reflexões sobre, por exemplo, a natureza da comunidade, a inter-humanidade, o

¹⁹ Oz, 2002, p. 127.

²⁰ Por bem-estar e mal-estar civilizacional, pensamos com Sigmund Freud, quando esse reflete: “O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo.” (2010, p. 50).

²¹ Sobre os projetos originais da vida em comunidade, com a prática da responsabilidade interpessoal, na esfera dos *kibutzim*, queira acompanhar Santana e Camargo (2025).

²² Em relação a Martin Buber, é instigante ver que o pai da protagonista, além de ler a obra desse pensador progressista, corresponde-se com ele por carta: “Certa vez [seu pai] chegou até a escrever uma carta em alemão para o professor Martin Buber sobre essa questão. [...] Papai também tinha a resposta escrita em alemão de próprio punho. (Oz, 2002, p. 108).



aspecto relacional da sociedade, e a outridade constitutiva de modo ontológico da própria pessoa. Tais pontos consolidam a ideia de que o tecido comunitário é mais importante que o tecido individual que baseia o fenômeno das massas alienadas. O coletivismo, para ele, é a sociedade autêntica possível de ser criada pelos sujeitos lastreados pela responsabilidade psicossocial recíproca. O pacto de responsabilidade amorosa para consigo mesmo e para com a família, é o mesmo pacto que se faz com as demais pessoas que conformam as demais instituições. Assim, somos responsáveis amorosamente por nós e pelos outros, de modo equânime.

A vontade de viver de modo pleno e justo, desta forma, é mantida pelo erotismo do cuidado recíproco, o que cria, mantém e perpetua a vida em sua integridade. Isto é ampliado para uma condição coletiva estendida a todo o tecido social. O erotismo, assim plenificado, romperia a dimensão da exclusiva dupla de sujeitos envolvidos por uma básica e poderosa afecção que cunha individualista, no sentido de que o universo giraria ao redor do par amoroso, e não o seu contrário.

Como nos diz Buber: “O Tu encontra-se comigo. Mas sou eu quem entra em relação imediata com ele. Tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão”.²³ Essa relação fundamental está presente em qualquer fato interpessoal, seja no campo amoroso, seja no campo das demais relações sociais que geram coletividades.

O sentido do comunitário, do interpessoal, e do alteritário, como seguimos acima, é motor preponderante na perspectiva de Hana Gonen, que de preocupações pessoais e familiares restritas, encaminha-se constantemente para compreender sua condição existencial de modo ampliado, polifônico e empático. Tal preocupação nos traz elementos marcantes que haverão de configurar sua capacidade erótica, como afecção de encontros sistêmicos com a outridade, seja ela de natureza israelense ou árabe.

Dois densos episódios marcam esse romance no que diz respeito à necessidade de se efetivar o erotismo, em sua faceta amorosa ampliada. Um deles diz respeito a dois amigos de infância de Hana, que foram os gêmeos árabes Halil e Aziz, filhos de Rashid Shchada, com os quais ela vivera momentos felizes em sua infância, e que lhe foram retirados abruptamente nos graves confrontos bélicos de 1948. Nas lembranças e fantasias da narradora, vemos a situação idílica em uma Jerusalém ainda não dividida por Anteros, princípio contrário a Eros como símbolo do amor e da vida plena:

Brigava, chutava e escalava muros e árvores. Morávamos em Kiriath Shmuel, na divisa com o bairro de Katamon. Na vertente de um morro havia um terreno baldio, com pedras, espinhos e ferro velho, e, num canto do terreno, ficava a casa dos gêmeos.

²³ Buber, 2001, p. 46



Os gêmeos eram árabes, Halil e Aziz, filhos de Rashid Shchada. Eu era a princesa e eles, meus guarda-costas. Conquistadora e eles, meus oficiais. Desbravadora de florestas e eles, caçadores. Comandante de navio e eles, marinheiros. [...] Faz tanto tempo!²⁴

Esta recordação é ativada inúmeras vezes na narrativa. Nela se misturam traumas de guerra e nostalgia pelo tempo lúdico tão necessário à formação de sujeitos adultos que deverão ser capazes de imergir, de modo saudável, nas relações amorosas de toda natureza. Os gêmeos árabes da infância ingênua e feliz serão utilizados por Hana em seus devaneios, que funcionam como tentativas de se colocar ordem e paz em territórios nos quais a dança da morte, ocasionada pelas guerras incessantes, têm domínio garantido.

A família desses amigos, como sabemos, será expulsa de sua bela casa em Jerusalém, sendo enviada para campos de refugiados. Eles serão fulminados, pois, por planificações territoriais autoritárias, que não são condizentes com o espírito amoroso que deveriam lastrear coletividades estratificadas que se guiam por responsabilidades mútuas.

Ao final da narrativa, também acompanharemos o modo usado por Hana em resgatar tais amigos. Eles, em uma audaciosa fantasia de incorporação dos desvalidos, em sua suposta fase adulta, serão conclamados a fazer justiça merecida aos seus algozes; o que nos coloca a protagonista como sujeito ativo de seu possível projeto de amor ampliado na dinâmica do concerto social.

Outro episódio exemplar do erotismo como afecção amorosa ampliada, é aquele ocorrido no tempo em que Hana está hospitalizada em decorrência de sua primeira gravidez. Nesse estado físico, que lhe é adverso à sua vontade de independência da estrutura de família tradicional, ela se depara com uma mulher árabe que é atendida pela equipe médica em seu parto. Eis o fragmento:

À noite, na enfermaria de parturientes do Hospital Shaarei Tzedek, uma mulher oriental chorava, desesperada. A enfermeira-chefe e o médico de plantão tentavam acalmá-la. Suplicaram que contasse a eles o que a afligia, para que a pudessem ajudar. Mas a mulher continuou no seu choro ritmado e monótono, como se no mundo não houvesse palavras, e nem pessoas. [...] A enfermeira-chefe trouxe o bebê para a mulher que chorava, embora não fosse ainda a hora determinada pelo regulamento. A mulher tirou de debaixo do cobertor uma das mãos, que mais parecia a pata de um animalzinho. Tocou na

²⁴ Oz, 2002, p. 6



cabeça da filha. No mesmo momento puxou a mão como se tivesse tocado em brasas. O bebê foi colocado em sua cama. O choro não cessou. [...] Eu via um terremoto em Jerusalém.²⁵

A tocante passagem nos dá conta do campo afetivo e intelectual de Hana, no que se difere grandemente da postura alienada de seu companheiro Michel. Se este está apenas preocupado com seu núcleo familiar e sua rede de familiares e amigos conservadores, sua companheira por várias vezes visualiza as consequências desumanas de uma Jerusalém conflagrada pelo histórico momento belicista de 1948.

Como a maioria das mulheres desse romance, essa árabe sequer verbaliza o que seriam as causas de seu padecimento. Deveria estar feliz, pois acabara de ter um bebê, fruto do amor entre suas descontinuidades subjetivas, que se unificaram eroticamente. No seu caso, talvez uma cara metade tenha encontrado sua outra cara metade. No entanto, tal fato não é corroborado, e sequer é passível de ter condição satisfatória futura assegurada.

A chorosa e sofrida mulher oriental está sendo atendida por uma equipe médica israelense. Esse adjetivo gentílico carrega toda a novidade do que poderia ser a criação dos dois estados, o israelense e o palestino, que, no entanto, é abortada pelo fato de que tal mulher árabe não terá território certo para seu retorno. Talvez marido, talvez filhos, talvez familiares, talvez todas as pessoas de seu círculo, já tivessem seus laços amorosos, eróticos no sentido dos princípios de vida e dos prazeres, irremediavelmente rompidos.

Nesse ponto, percebemos a diferença de comportamento entre Hana e seu “querido” Michel. Por agora aspeamos o adjetivo, que nos aparenta ter aquela ironia presente na parresia articulada desde o título dessa narrativa romanesca que é tão crítica em relação a concepções de vida individualista, desvinculada dos valores de interpessoalidade, de comunidade, e de empatia amorosa para com a outridade, seja ela de que etnorraça for.

Hana nos parece empática com os sofrimentos e traumas alheios, equilibrando as duas características marcantes do deus Eros, representado na fala de Sócrates, em *O banquete*, de Platão. Nele, Eros seria filho do deus Recurso e da Pobreza, sendo que do pai herdaria o carácter delicado, bonito e querido; da mãe Pobreza, herdaria a falta de recurso, a fome permanente, a falta de lar adequado, e a miséria. Seu erotismo é, então, ampliado para além campo da individualidade de performance egóica. Nisso está a grande diferença entre ela e seu companheiro, e o que lhe perturba a capacidade de amar.

²⁵ Oz, 2002, p. 37.



Considerações finais

Sabemos, pelo final desse romance, que Michel se doutora na primavera de 1959, e que sua pesquisa tratará dos processos geológicos, tais como o de erosão nas ravinas do deserto de Paran. Seu trabalho é bem avaliado e lhe permitirá efetivo acesso à docência universitária. Dessa forma, realizará o sonho individualizador de seu pai, que era o de ver o filho como pesquisador reconhecido na sociedade do novo estado de Israel. Uma vida inteira para concretizar um plano de formação pessoal e profissional, que não incluía os fortes desejos amorosos, de um erotismo ampliado, de sua companheira Hana. Ordem científica, política tradicional, e uma individualidade distante das dinâmicas cooperativas, transpessoais, e empáticas, conformam fatores que impedirão a narradora-protagonista ser eficiente na concretização de seu projeto existencial amoroso, em sentido ampliado.

O romance é uma narrativa simuladora de um lugar de uma fala feminino, que convida a refletir sobre possibilidades eróticas ampliadas em tempos de guerra incessante. No contexto, acompanhamos ocorrências, atitudes, crenças, valores sociopolíticos, e condições psicossociais de uma narradora que exige a ampliação combativa de sua capacidade de amar para além das instituições conservadoras do campo do indivíduo alienado e do casamento conservador. Da atenção puramente egóica, presente na configuração pessoal de seu marido, a narradora-protagonista tentará expressar estratégias de convivência pacífica com a outridade, mesmo que essa outridade nos seja apresentada sistematicamente como fontes de perigos a serem evitados e combatidos.

O amor desmedido, representado também pelo deus Eros, e por sua contrapartida que é o deus Anteros, funciona aqui como uma máquina de guerra incessante e revolucionária. Sua ação não expressa a superficialidade da realidade vista de modo distanciado e alienado. Ao contrário, em contextos traumáticos advindos dos tempos de guerra, o amor equânime exige posicionamentos corajosos na concretização de estratégias de convivências e pacifismos possíveis, como nos exemplifica Amós Oz nessa necessária, e ainda urgente, narrativa romanesca.

Referências

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução: Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. Tradução: Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo: Perspectiva, 1987.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Novas conferências introdutórias à Psicanálise e Outros textos (1930-1936). Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GRANT, Linda. *The Burden of History*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2004/sep/11/featuresreviews.guardianreview>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

OZ, Amos. *Meu Michel*. Tradução: Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução: Irley F. Franco e J.A.A. Torrano. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2021.

SANTANA, Jorge Alves; CAMARGO, Flávio Pereira. *Dietética judaica, ritornelos e nações possíveis em De amor e trevas, de Amós Oz*. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 43-61, 2025.

Enviado em: 25/08/2025

Aprovado em: 30/10/2025